



por **Vicente Nunes** / vicentenunes.df@dabr.com.br

Melhor que o mundo

A campanha à reeleição da presidente Dilma Rousseff já definiu como tratará a economia nos programas de rádio e televisão. Vai se centrar nas comparações do Brasil com o resto do mundo. A meta é mostrar que, mesmo crescendo menos, o país está bem melhor do que a maior parte das nações, inclusive que as grandes potências econômicas.

"Sabemos que o nível da atividade está em desaceleração, que a ameaça de recessão técnica é real, mas, quando olhamos para fora, o quadro está pior. Mesmo os queridinhos dos investidores na América Latina, México e Chile, mostram fragilidades e vêm revendo, para baixo, as perspectivas de crescimento neste ano", afirma um interlocutor da candidata petista.

Os auxiliares de Dilma sabem que a oposição explorará ao máximo os números mais recentes da economia, vão compará-los com os de 2010, o último da era Lula, quando o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 7,5%. Dirão que, com a petista no poder, o país piorou. "Estamos falando de dois períodos incomparáveis. É preciso levar em conta que, nos últimos anos, a crise mundial recrudesceu. Mesmo assim, continuamos empregando e, melhor, com a renda dos trabalhadores aumentando", assinala o assessor presidencial.

O discurso da campanha é de que os Estados Unidos lideram a criação de empregos no planeta neste ano, com 1,73 milhão de vagas, quase três vezes mais que os 632 mil postos abertos no Brasil no acumulado entre janeiro e julho. A ressalva é de que a maior economia do mundo ainda não conseguiu recuperar todos os empregos fechados desde o estouro da bolha imobiliária

em 2008. "O déficit é de 370 mil vagas. O mesmo, ocorre na

Europa, onde estão devendo 3,8 milhões de postos", afirma o

interlocutor de Dilma.

A determinação do Planalto é desmontar qualquer acusa-

ção de que o país está em crise. E que a turbulência chegou ao

mercado de trabalho. "Houve uma comoção em torno dos nú-

meros do Caged (cadastro de empregos formais) de julho, com

11,7 mil vagas, o pior resultado para o mês desde 1999. Mas, ve-

jamos, somente nos primeiros seis meses do ano, foram 588,6

mil vagas. Trata-se de um saldo maior do que o de sete países

juntos — Austrália, Canadá, Chile, Israel, Japão, Coreia do Sul e

Holanda —, com 451,7 mil" complementa o assessor.

O discurso de Dilma contra as críticas da oposição será o de

que o Brasil está sofrendo com as dificuldades impostas pela

economia mundial, mas não está sacrificando nem o emprego

nem a renda dos trabalhadores. E mais: a petista indicará, para

desespero do mercado financeiro, que pouco mudará na atual

política econômica, que, no entender dela, está dando certo. Is-

so, mesmo que venha a promover mudanças no cargo mais im-

portante da Esplanada, o de ministro da Fazenda.

"Ajustes serão necessários, mas as bases continuarão as

mesmas. Por isso, Dilma não está se preocupando em nomear

porta-vozes para a área econômica durante a campanha elei-

toral. Caso ela seja reeleita, a política continuará sendo defi-

nida por ela. Ao chefe da Fazenda, só caberá executá-la", des-

taca o interlocutor presidencial.

*Para desespero
do mercado
financeiro,
Dilma indicará
que, se reeleita,
pouco mudará
na atual
política
econômica,
que, no
entender dela,
está dando
certo*